

## PROJETO DE INTERVENÇÃO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - III CICLO DE DIREITOS HUMANOS: ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS

*Thaís Magalhães<sup>1</sup>*

*Orientador: Rodrigo Rosa*

### Resumo

O presente projeto propõe intervenção na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e tem como ponto de partida o resgate de memórias e de práticas de insubordinação que possibilitam a sobrevivência física, histórica e sensível das trabalhadoras das empresas terceirizadas. Enfrentamentos que produzem saberes no campo da política e da arte, oportunos em um momento de ataque à ciência, à organização coletiva e à própria utopia da universidade democrática, popular e inclusiva. O conceito de “escrevivências”, criado pela escritora e professora brasileira Conceição Evaristo é o fio condutor desta proposta, por sintetizar a importância da narração, da memória e dos saberes de mulheres negras, periféricas e pobres para a construção da sociedade, por serem afirmação de vida em um contexto que favorece o apagamento, a invisibilidade e o desaparecimento.

**Palavras-chave:** Escrevivências; direitos humanos; mulheres negras.

---

<sup>1</sup> Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do ABC.



## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser.

Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo.

Este é um projeto que decorre de um caminho que não se construiu sozinho, tal qual o poema João Cabral de Melo Neto “que um galo sozinho não tece uma manhã”, este projeto é tecido por muitas mulheres.

Tecer, que tem o significado de entrelaçar os fios ou produzir tecido, manipulando fios pela urdidura e a trama; é exatamente o que se propõe neste projeto, entrelaçar as memórias, histórias, vivências de mulheres, trabalhadoras da terceirização da limpeza e conservação da Unesp e provocar uma discussão acerca do direito de narrar a própria história, o direito à memória e o acesso à educação, em um contexto de radicalização das desigualdades sociais onde as mulheres negras ocupam a base dessa pirâmide.

Entrelaçar essas memórias, histórias e vivências significa também não saber identificar onde começa a minha história ou a delas, porque nossas vivências estão conectadas.

Conceição Evaristo em “Insubmissas lágrimas de mulheres” diz:

Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz da outra, faço a minha, as histórias também.(...) portanto essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que às vezes, se (con)fundem com as minhas (EVARISTO, 2016, p.14).

Conceição Evaristo, com muita sapiência, fala sobre as histórias que se (con)fundem. E é assim que este projeto nasce, com as histórias que são minhas e também de tantas outras mulheres.



Além disso, assim como nos ensina bell hooks (p. 35), quando a educação é a prática da liberdade, os(as) estudantes não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. Ou seja, a pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar estudantes. A sala de aula <sup>2</sup>em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo e esse fortalecimento só ocorrerá se não nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os(as) estudantes a correr riscos.

Assim, partindo da premissa da teoria como prática libertadora, é importante que este trabalho se inicie contando um pouco sobre minha trajetória, pois tal qual bell hooks, também chego à teoria querendo compreender-apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim.

As primeiras pessoas que vi tecer na vida foram as minhas avós. Vó<sup>3</sup> Zuza tecia a palha rapidamente com as mãos, dizia que havia aprendido a tecer palha na época em que foi “bóia fria”. Na infância, em Brasília de Minas Gerais, vó Zuza já trabalhava na lavoura junto da família. Foi também onde aprendeu a fazer as panelas e os potes de barro, que eram vendidos e também utilizados como utensílios domésticos da casa. História que se con(funde) com a de Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo:

Nos tempos de roça de Ponciá, nos tempos de casa de pau a pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com a suas vasilhinhos de barro. Quando ele chegava era ela quem determinava que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse para terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer na próxima vez que voltasse em casa. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas

<sup>2</sup> Sala de aula, que não mais se limita ao espaço físico tradicional de ensino-aprendizagem. Sala de aula são todos os espaços, dentro e fora da Universidade, em que se apreende e se (re)constrói o processo histórico-social em suas múltiplas determinações e facetas. (Política Nacional de Extensão Universitária, 2012).

<sup>3</sup> Assim como bell hooks, me esforçarei para utilizar uma linguagem que leve em conta os contextos específicos, bem como o meu desejo de comunicar com "plateias" diversificadas, pois precisamos mudar não só os paradigmas, mas também o modo como pensamos, escrevemos e falamos. A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela. (hooks, p. 22). Por essa razão utilizarei uma linguagem mais afetiva, me referenciando a “vó” no lugar de avó.



secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço (EVARISTO, 2018, p. 24).

Era no alpendre da sua casa com chão vermelho que a vó Zuza contava os “causos” da sua infância e, assim como Ponciá, da casa de chão batido, das bonecas de espigas de milho, das vasilhas de barro, vó Zuza falava também do respeito à natureza, das capacidades medicinais das ervas e da importância das benzedeiras. Depois de muito tempo pude compreender que essa era a história oral de nossa família e o quanto de sabedoria minha avó transmitia, contando sobre suas vivências.

A lembrança que tenho de vó Palmira era sempre pitando seu cigarro (como ela mesma dizia) e depois descobri que “pitá” vem do tupi pitima/petima e que o vocabulário vinha da minha tataravó, que segundo a história oral de minha família, era indígena. Entre uma pitada e outra de cigarro, vó Palmira administrava toda casa, cozinhava, lavava roupa, coava um café, chamava todos os netos para refeição, costurava roupas e entre um e outro trabalho doméstico, contava as histórias de sua infância, de como aprendeu a fumar para poder espantar os insetos enquanto fazia o trabalho na lavoura, depois como chegou em São Paulo e foi “trabalhar em casa de família”. Vó Palmira foi empregada doméstica.

E entre tantos trabalhos domésticos, o que depois aprendi que é trabalho reprodutivo<sup>4</sup>, vó Palmira, colocava seus discos para tocar, e eu cresci ouvindo os sambas que minha vó gostava e foi com ela que aprendi a “pisar nesse chão devagarinho”<sup>5</sup>, admirar e respeitar tantas mulheres, referências de luta e ancestralidade.

É por isso que essa escrita também flui na cadência de um samba junto, ora alegre, ora triste, porque assim o samba é um estado de ser, estar e agir no mundo (Samtos, 2018). Tem samba alegre, samba triste, samba solto, samba junto. Sem contar as expressões,

<sup>4</sup> De acordo com Federicci (2011), a produção de novos seres humanos é em grande parte irredutível à mecanização, requerendo um alto grau de interação humana e satisfação de um emaranhado complexo de necessidades tanto física quanto emocionais. O trabalho reprodutivo, doméstico e de cuidados, é um intenso processo de garantir conforto físico e emocional, demandando alto grau de envolvimento humano. Nenhuma dessas atividades é puramente material ou imaterial, nem podem ser repartidas em pequenos procedimentos a serem adaptados à capacidade da máquina, ou substituídos pelo fluxo de comunicação virtual. (Gois, 2016)

<sup>5</sup> Referência ao samba “Alguém me avisou”, muito conhecido na voz de Dona Ivone Lara.



“Fulano está sambando com a minha cara! Chega no sapatinho! Chega no miudinho!” o samba é, portanto, também uma elaboração do saber, o que Juliana dos Santos denominou de *sambiência*:

O samba é um estado de ser e estar no mundo e não só uma música ou uma dança. O samba é verbo e não substantivo. Seu Djalma materializou isso naquele momento. Uma forma de ser e estar no mundo, uma espécie de presentificação, uma metáfora da vida. Ele foi um ponto, mas Cachoeira é assim. Na festa da Irmandade, é tudo e todo mundo sambando. O tempo todo fica lá o som na praça, a gente se acabando. Tem um grupo ali, outro aqui, na sabença do samba, na ciência do samba, na sambiência. Foi assim que cheguei a esse termo. Seu Djalma representou ali, para mim, essa sambiência, esse saber ancestral que vem dos pés. E a gente nunca sabe como aprendeu a sambar. Mas cada um samba de um jeito (SANTOS, 2018).

Nenhuma das minhas avós teve acesso a escolaridade formal, vó Zuza vivia trocando o “l” pelo “r”<sup>6</sup> o que mais tarde aprendi com Lélia Gonzalez (1983) que essa troca é a influência africana na nossa linguagem, o que Gonzalez denominou de pretuguês, ou seja, parte da africanização da língua portuguesa brasileira. É também através da fala, da história oral, da reza falada, da contação de história que a nossa história resiste. Dengo, quitanda, muvuca, cfuné, são, por exemplo, expressões de origem africana. Assim, a subversão do papel dessas mulheres reside também na capacidade de transmissão cultural de valores que não eram dominantes, levando adiante suas histórias, sua linguagem, suas expressões, suas sabedorias sobre ervas medicinais, suas crenças, sua sabedoria sobre comunidade, uma ciência negada por tantos anos, mas que ainda sim resiste.

Nesse sentido, na obra “Malha” da artista Juliana dos Santos (2017) da qual tive a honra de participar coletivamente da performance, ocorre a construção coletiva de uma

<sup>6</sup> É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca lingüística de um idioma africano, no qual o l inexiste. Afinal, quem é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que estão falando pretuguês (GONZALEZ, 1984, p.238).



malha de tricô em escala de corpo humano que reflete a importância da construção coletiva e o quanto as mulheres negras sempre estiveram, com sua sabedoria, construindo coletivamente a sua sobrevivência e resistência.

**Figura SEQ Figura 1\* ARABIC 1:**Frame da obra “Malha” da artista Juliana dos Santos



As insubmissas lágrimas das mulheres negras de Conceição Evaristo se misturam a tantas histórias de mulheres negras. Uma educação em direitos humanos, portanto, passa pela afirmação dessas histórias, dessas vivências, como reivindicação da própria humanidade.

E é também a partir das minhas vivências que se con(fundem) com a das minhas avós, mãe, tias, primas e de tantas outras mulheres que se somaram na minha trajetória e, após uma mobilização da classe trabalhadora dentro da universidade, que participei do primeiro grupo de trabalho de Direitos Humanos do Instituto de Artes da Unesp, que culminou na criação da Comissão de Direitos Humanos. Participavam do grupo inicialmente: Deise de Brito, Janaína G. Nunes, Juliana dos Santos e Thaís Magalhães e depois a comissão viria a ser integrada também por Fabiana Mie Hanashiro, Inessa Silva, Marina Klautchola e Bruno Olegário Sauandaj.

O primeiro trabalho da Comissão foi o mapeamento das violações a Direitos



Humanos e um pequeno censo da comunidade, o que resultou em um boletim que teve grande impacto e que sinalizou a necessidade de uma roda de conversa com todas as mulheres sobre assédios, uma das principais violações informadas no relatório.

A pesquisa também foi realizada com trabalhadores das empresas terceirizadas, que à época compreendiam: vigilância, manutenção, jardinagem e limpeza. Considerando a dificuldade de acesso a um questionário digital, solicitamos aos responsáveis pela fiscalização uma autorização para a realização de um encontro com a proposta de um diálogo sobre direitos humanos e, também, para auxiliar no preenchimento do questionário.

A partir desse encontro a aproximação entre essas trabalhadoras (majoritariamente são mulheres negras) e a Comissão de Direitos Humanos tornou-se cada vez maior. E, a partir deste diálogo, iniciamos as discussões sobre as opressões de gênero, raça e classe.

É fundamental mencionar o quanto este primeiro diálogo com todas as trabalhadoras da terceirizada nos transformou. Todas nós, integrantes da Comissão de Direitos Humanos, saímos com o desejo de que, se houvesse uma atuação prioritária da comissão de Direitos Humanos dentro da universidade pública, ela se daria neste diálogo com a classe trabalhadora, especialmente aquela que tem as piores condições de trabalho: as trabalhadoras da conservação e limpeza.

A partir do mapeamento realizado foi possível identificar que essas trabalhadoras eram majoritariamente negras. Nesse sentido, Lélia Gonzalez, em 1983, já dizia que ser mulher negra no Brasil é também ser objeto de tripla discriminação, já que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão, ou seja, na pirâmide social, quem ocupa a base, é a mulher negra:

Enquanto seu homem é objeto de perseguição, repressão e violência policiais (para o cidadão negro brasileiro, desemprego é o sinônimo de vadiagem; é assim que se pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira. Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto a internalização da diferença, da subordinação



e da “inferioridade que lhe seriam peculiares. É tudo isto acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar.(...) Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração (refúgios) nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de “servente” (que se atente para as significações que tal significante nos remete) (GONZALEZ, p.44-45).

Em 2015, também ocorreram pichações racistas no banheiro do campus de Bauru da Unesp: “Unesp cheia de macacos” e “negras fedem” <sup>7</sup>. Segundo o professor Juarez Tadeu de Paula Xavier:

É triste ver uma senhora numa condição subalterna “limpando uma ofensa à ela no banheiro”. Aqui cabe pensar que combater consequentemente o racismo dentro da universidade deve passar necessariamente também pela luta contra a terceirização do trabalho, que super-explora e atinge principalmente as mulheres negras.

Nesse sentido, as rodas de conversa com a Comissão de Direitos Humanos acabavam sendo um espaço no qual essas mulheres pudessem conversar sobre suas experiências. Os diálogos também se estendiam para além destes encontros. Entre um horário de almoço e café, vez ou outra conversávamos sobre as dificuldades do cotidiano.

Me recordo uma vez que uma delas relatou com lágrimas nos olhos que havia sido xingada por um estudante porque ela jogou no lixo um pincel que estava no chão com aparência de estragado. Ela não tinha como saber que um objeto, com o qual ela não tinha qualquer familiaridade e que estava jogado no chão, era na verdade instrumento de trabalho daquele estudante, que agiu conforme seu privilégio de raça (o estudante em questão era branco), de modo a humilhar aquela trabalhadora.

E a partir desses diálogos realizamos alguns trabalhos: Rodas de Conversas com as trabalhadoras terceirizadas; boletim da Comissão de Direitos Humanos; “CDH portas abertas”, projeto que propunha atendimento da comunidade incluindo todas as

<sup>7</sup> A notícia foi veiculada em diversas mídias, incluindo G1 e Esquerda diário.



trabalhadoras da terceirizada e por fim, em 2019, iniciamos o Ciclo de Direitos Humanos.

O Ciclo de Direitos Humanos foi um projeto de extensão contemplado pelo Edital da Pró-reitora de Extensão Universitária e Cultura da Unesp e já teve duas edições. Uma em 2019 e outra em 2020. Com a pandemia, em 2020, a programação precisou ser ajustada e, lamentavelmente, dificultou a possibilidade de participação dessas trabalhadoras.

Sendo assim, este projeto, propõe a continuidade deste Ciclo de Direitos Humanos, agora na sua terceira edição com o tema: Escrevivências de mulheres negras, propondo atividades que incluem o diálogo entre estudantes, servidores técnico-administrativos, docentes e trabalhadores das terceirizadas sobre as questões de gênero, raça e classe na sua intersecção.

Escrevivência é um termo cunhado por Conceição Evaristo. Segundo Evaristo, a genealogia do termo escrevivência surgiu durante a sua pesquisa de mestrado e era um jogo que fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver”. Para a autora, a escrevivência é um termo muito fundamentado na autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande.<sup>8</sup>

## OBJETIVOS E HIPÓTESES

Espera-se provocar uma discussão acerca do direito de narrar a própria história, o direito à memória e o acesso à educação, em um contexto de radicalização das desigualdades sociais. A partir da obra de Conceição Evaristo, buscamos reunir escrevivências e narrativas de mulheres negras em diferentes contextos da sociedade, junto às experiências das trabalhadoras terceirizadas dos serviços de limpeza e conservação do Instituto de Artes da UNESP.

O objetivo do Ciclo de Formação é debater como a narração da própria história pode se tornar um ato de emancipação e, em se tratando da narrativa dessas mulheres,

<sup>8</sup> Diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E no campo da literatura é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível.



adquire um caráter de desobediência civil. Tendo como foco as possibilidades poéticas de resistência num processo de encontros e de partilhas de experiências e reflexões críticas acerca de nossa sociedade, em que ainda hoje as mulheres negras e indígenas ocupam a base da pirâmide econômica do país.

Busca-se provocar tal reflexão à comunidade da UNESP, mas também fomentar a participação do público externo à universidade pensando a urgência cada vez maior da universidade ser um espaço que dialogue e potencialize ações reflexivas de forma mais aproximada com as demandas da sociedade civil.

## **METODOLOGIA E ANÁLISE DA BIBLIOGRAFIA SOBRE O TEMA**

O projeto de intervenção tem como proposta encontros com facilitadores internos, ou seja, da própria comunidade da Unesp, e facilitadores externos, por intermédio de realização de oficinas, contação de histórias, leitura coletiva das obras da autora Conceição Evaristo, cine-debate, performance, intervenções artísticas e saraus.

A proposta, portanto, compreende a realização de uma atividade extensionista, que possibilite o diálogo entre esses setores da comunidade, e como potência de construções coletivas que visem o objetivo de uma universidade democrática e popular, propiciando a estudantes, professores e técnicos-administrativos a elaboração de um projeto político pedagógico que dialogue de fato com a sociedade.

Para a elaboração e construção do projeto de intervenção foram utilizadas referências bibliográficas, majoritariamente de mulheres negras, entre elas: Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, bell hooks, Beatriz Nascimento, Toni Morrison e Angela Davis.

Busca-se com esse cabedal teórico a estruturação de uma intervenção que propicie a reflexão e ação sobre a condição das mulheres na sociedade, sobretudo daquelas que ocupam a base da pirâmide social, que são as mulheres negras e indígenas.



## MATERIAIS E MÉTODOS

O Ciclo de Formação em Educação em Direitos Humanos | Escrevivências de mulheres negras, ocorrerá com a participação de facilitadores em todas as atividades. Os facilitadores poderão propor atividades que estejam relacionadas com o fio condutor deste projeto que é o direito de narrar a própria história, o direito à memória e o acesso à educação, em um contexto de radicalização das desigualdades sociais.

O projeto tem também como proposta a participação dos estudantes que participam da residência pedagógica na universidade, com a finalidade de que esses estudantes possam propor, acompanhar e avaliar os resultados do projeto coletivamente.

## PLANO DE TRABALHO COM CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

O plano de trabalho tem como objetivo a realização do Ciclo de Direitos Humanos durante um semestre, com atividades mensais:

1. Realização da Roda de Conversa da Comissão de Direitos Humanos com as trabalhadoras terceirizadas. Propõe-se neste primeiro encontro apresentar os integrantes da Comissão de Direitos Humanos e as trabalhadoras das terceirizadas. É importante mencionar que é característico da terceirização que as trabalhadoras, a mudança constante do local de trabalho. Este é um dos problemas da precarização que se impõe ao serviço terceirizado. Por essa razão, a cada ciclo, é necessária a realização dessa apresentação, já que muitas trabalhadoras não conhecem o trabalho da Comissão.

Também se espera que a roda de conversa seja um espaço de acolhimento, escuta e reflexão. Dando espaço para que todas se sintam tranquilas para falar sobre suas vivências e como enxergam os direitos humanos. Todas participam da roda e podem fazer perguntas.

### 2. Oficina de Contação de Histórias

Propõe-se neste encontro a participação de uma facilitadora da comunidade



externa/interna. Pretende-se, com este encontro, demonstrar a importância da tradição oral e da ancestralidade africana, visando o respeito e a preservação das histórias dos que vieram antes, além da construção e da preservação da identidade negra.

A oficina será realizada para toda comunidade interessada com a proposta da participação fundamental das trabalhadoras da terceirizada, para que ao final elas possam se manifestar com suas considerações sobre a oficina.

### **3. Performance de “O quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus.**

O terceiro encontro compreende uma performance de “O quarto de despejo”, livro da escritora Carolina Maria de Jesus, fundamental para provocar uma discussão acerca do direito de narrar a própria história, o direito à memória e o acesso à educação.

Nesse sentido o diário da escritora Carolina Maria de Jesus, nos permite enxergar:

muito mais “uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro” (p. 44) e não apenas a mulher que se sente “um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (p. 33). Afinal, nesse quarto de despejo Carolina também cria um “ambiente de fantasia” e imagina que reside “num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol”, pois “é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela” (SOUSA, 2021).

Assim, por intermédio da obra de Carolina Maria de Jesus, também procuraremos dialogar como o resgate de memórias e de práticas de insubordinação, possibilitam a sobrevivência física, histórica e sensível dessas mulheres. A proposta seria convidar estudantes do curso de Licenciatura em Arte-Teatro do Instituto de Artes da Unesp para a construção dessa performance.

### **4. Palestra sobre “Experiência de atendimento nos Centros de Defesa e Convivência da Mulher: desafios e possibilidades no processo de emancipação das mulheres negras”**



Os Centros de Defesa e Convivência da Mulher tem como objetivo oferecer proteção e apoio a mulheres (e seus familiares) em razão da violência doméstica e familiar, causadora de lesão, sofrimento físico, sexual, psicológico ou dano moral.

Utiliza-se como referência dessa proposta a Casa Anastásia que desenvolve projetos de prevenção e enfrentamento à violência contra a mulher e tem priorizado a articulação entre a luta contra o racismo e sexism. A compreensão do funcionamento dos processos de acessibilidade desses programas focados no combate e prevenção da mulher ainda é pequena para grande parte das mulheres que vivem em condições de alta vulnerabilidade social.

## 5. Roda de Conversa sobre o livro: “Eu, empregada doméstica”

Roda de conversa a partir do livro “Eu, empregada doméstica” da autora Preta Rara, que reúne relatos de trabalhadoras domésticas. A proposta do encontro é refletir sobre as condições de trabalho das empregadas domésticas e traçar um paralelo com a situação das trabalhadoras terceirizadas dos serviços de limpeza e conservação da universidade pública.

## 6. Fechamento do Ciclo com o Sarau “Raquel Trindade”

Propõe-se o fechamento a realização de um sarau que homenageará Raquel Trindade que é filha mais velha do grande poeta negro Francisco Solano Trindade. Pintora, dançarina, coreógrafa, grande conhecedora da história e da cultura afro-brasileira, é considerada uma das maiores griots (guardiãs do conhecimento, que preservam a tradição e transmitem histórias e canções de seu povo) vivas no Brasil.

Fundadora do Teatro Popular Solano Trindade e da Nação Kambinda de Maracatu, sempre ministrou cursos e oficinas livres por todo o país, principalmente em Embu das Artes, município de São Paulo, onde segue enraizada Raquel Trindade em uma entrevista para “Escrevendo o Futuro” e indagada sobre como as experiências na Unicamp também como professora do Teatro Popular Solano Trindade influenciaram no



seu processo artístico, responde:

Acho que é o contrário. É a minha vivência indo para a academia. Porque as aulas foram o aprendizado do processo de vivência: do sincretismo religioso à experiência da dança, do canto, dos movimentos, da indumentária dentro dos candomblés e de outras danças que aprendi com minha mãe e com meu pai. O Antonio Nóbrega me convidou para dar aula na Unicamp, foi quando percebi que na graduação só tinha um negro, acho que fui a primeira a criar as cotas, porque pedi à Unicamp para fazer um curso de extensão. Vieram os negros da comunidade de Campinas, os funcionários negros da Unicamp e também japoneses e brancos de outras graduações. No final dos anos 1980, nesse curso de extensão, criei o grupo Urucungos, Puítas e Quijengue, que são três instrumentos provenientes de Angola e que tiveram grande difusão no Brasil. O grupo vai fazer 30 anos e continua lá em Campinas. O grupo do Embu vai fazer 43 anos e mantém viva a trajetória artística e de resistência afro-brasileira.

Raquel Trindade nos ensina sobre a importância da descolonização dos saberes, portanto, se pretende que este Sarau seja uma oportunidade de que toda a comunidade participe com suas intervenções/reflexões sobre o ciclo.

Mês	Atividades
Fevereiro/2023	Aprofundamento da pesquisa sobre o tema e a homenageada Conceição Evaristo; pré-agendamento de local para as atividades, planejamento e organização das palestras, revisão de cotação de materiais para compra
Março/2023	Contato e convite de convidadas, aquisição de materiais, continuidade da pesquisa e do planejamento
Abril/2023	Contato e convite de convidadas, aquisição de materiais, continuidade da pesquisa e do planejamento
Maio/2023	Produção, divulgação e realização da primeira atividade
Junho/2023	Produção, divulgação e realização de segunda atividade
Julho/2023	Produção e realização de terceira atividade
Agosto/2023	Produção, divulgação e realização de quarta atividade
Setembro/2023	Produção, divulgação e realização de quinta atividade
Outubro/2023	Produção, divulgação e realização de sexta atividade
Novembro/2023	Escrita do relatório final bem como do material audiovisual



## AVALIAÇÃO E/OU FORMAS DE REGISTROS

A avaliação será construída coletivamente com todos as pessoas envolvidas no processo e, assim como na edição anterior, poderá compreender a elaboração de uma revista em que as pessoas envolvidas na concepção e formulação do projeto possam compartilhar as suas reflexões acerca do ciclo de formação, bem como, o compartilhamento dos registros fotográficos.

Considerando que se propõe a realização do ciclo no Instituto de Artes da Unesp, também compõe essa proposta a participação dos estudantes de todas as áreas desta unidade na concepção de um material audiovisual para divulgação e também memória do ciclo de formação.

## RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com a realização do ciclo que, a partir da interação e diálogo dos diferentes setores da universidade (estudantes, servidores docentes e técnicos-administrativos, trabalhadoras das empresas terceirizadas) bem como da interlocução com o público externo ocorra a provocação de uma reflexão sobre a finalidade de uma universidade democrática e a importância de uma educação em direitos humanos para essa construção.

Busca-se também através das diferentes narrativas, novas possibilidades para a construção de um projeto político pedagógico que considere uma educação em direitos humanos e que, portanto, tenha a participação de toda a comunidade.

Para além disso, com o estreitamento do diálogo entre esses setores, espera-se também um cotidiano universitário que possa ser mais humanizado, possibilitando melhor convivência entre todas as pessoas que nele convivem.

Que as narrativas e a literatura de Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Preta Rara, Raquel Trindade e de todas as trabalhadoras dos serviços terceirizados, possam também nos ensinar sobre a necessidade urgente de um novo



projeto de sociedade, sobre a construção coletiva e sobre como a arte, a escrita, a história oral, são também possibilidade nos dias de destruição, como diz Beatriz Nascimento:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. **Uma possibilidade nos dias da destruição.** (NASCIMENTO, 2018)

Que pelo aquilombamento proposto por Beatriz Nascimento, seja possível a construção de uma Educação em Direitos Humanos dentro da universidade pública.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais é fundamental mencionar que essa pós-graduação foi cursada durante uma pandemia e, quando escrevo este projeto de intervenção, foram registradas 671 mil mortes no Brasil por covid, pessoas que eram amores-família-amigas de alguém, muitas delas que também contribuíam materialmente para o sustento da família.

Aliado a isso, vivemos um período em que a extrema direita ocupa as esferas de poder, logo no início da pandemia o Presidente da República declarou: “Infelizmente algumas mortes terão. Paciência, acontece, e vamos tocar o barco”. “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”. “Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia”.

Além disso, as relações de trabalho, tornaram-se ainda mais extenuantes, além da terceirização, a uberização, as reformas trabalhistas, previdenciárias e administrativa, o trabalho remoto que se impôs durante a pandemia para uma parte da classe trabalhadora, o trabalhador que antes era colaborador agora é empreendedor e o capitalismo assume uma violência mais direta, que resulta no aumento da barbárie e da violência, sobretudo nos países da periferia do capital.



O luto coletivo, o retorno ao mapa da fome, o genocídio indígena e negro, os crimes ambientais, o ódio as mulheres, sobretudo as mulheres negras e indígenas, viver/sobreviver como mulher negra em um país supremacista branco e ainda assim refletir sobre horizontes possíveis pela Educação em Direitos Humanos, tem sido das tarefas mais difíceis até aqui.

Concluo este projeto de intervenção com muitos questionamentos, mas com a certeza de que a saída sempre será coletiva, pelo aquilombamento. O resgate da nossa memória e de práticas de insubordinação que possibilitam a sobrevivência física, histórica e sensível de pessoas que vivem muitas formas de opressão, certamente tem se demonstrado como uma parte importante da Educação em Direitos Humanos em que eu acredito, tem sido um horizonte possível diante dessa conjuntura.

Citando um trecho do conto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo” de Conceição Evaristo, pois a literatura também tem sido instrumento de cura em tempos de tanta dor, luto e luta:

Ficamos plenos de esperança, ,mas não cegos diante de todas nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer. E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual do nascimento acolheu a criança de Bamidele.(...) E todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmos uma nova vida.(...) Ayoluwa, alegria do nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa de salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria do nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando solução (EVARISTO, p. 114).

Que possamos continuar “espiando” o tempo procurando solução.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. EVARISTO, C. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Insubmissas Lágrimas de Mulheres. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, C. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GÓIS, T. Trabalho reprodutivo e bem comum: entre a luta contra a exploração e a urgência de barrar a mercantilização da vida. Disponível em: <https://www.niepmarx.blog.br/MManteriores/MM2019/Trabalhos%20aprovados/MC30/MC30.02.pdf> Acesso em: 17/04/2022.

GONZALEZ, L. Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana, 2018.

HOOKS, B. Olhares negros: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, B. Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, C. M. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

MARIANO, José Victor Nunes e SOARES, Esdras. Raquel Trindade: Uma vida dedicada à arte. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/2469/raquel-trindade-uma-vida-dedicada-a-arte>.

MORRISON, Toni. A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, B. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias de destruição. Editora Filhos da África, 2018.

SANTOS, J. O saber ancestral que vem dos pés. Revista C& America Latina. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/editorial/o-saber-ancestral-que-vem-dos-pes-juliana-dos-santos/> Acesso em 17/04/2022.



SANTOS, J. malha, 2017. Vídeo-Performance 2'33''. produção de Juliana dos Santos. disponível em: <https://www.julianadossantos.net/malha>.

SOUSA FERNANDA. Quarto de despejo como diário de Carolina Maria de Jesus: armadilhas e possibilidades em sala de aula. Escrevendo o Futuro, 2021. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/2893/quarto-de-despejo-como-diario-de-carolina-maria-de-jesus-armadilhas-e-possibilidades-em-sala-de-aula>

